

RESENHA

*Daniel Piva**

RIGNEY, Joe. *As coisas da terra: estimar a Deus ao desfrutar de suas obras*. Brasília, DF: Monergismo, 2017.

O autor é professor assistente de Teologia e Cosmvisão Cristã no Bethlehem College and Seminary em Minneapolis, Minnesota. É autor de *Live Like a Narnian: Christian Discipleship in Lewis' Chronicles* (orelha da contracapa).

É comum que em meio aos cristãos, segundo minha observação, especialmente em meio aos reformados, haja uma certa dificuldade quando se trata de “desfrutar a vida”. Na verdade, parece que há um antagonismo entre “santificação” e “desfrutar a vida”, como se fossem excludentes. Aquele que deseja buscar a santificação diante de Deus parece ter de abdicar de quase todas as alegrias terrenas, principalmente do ato mais livre e prazeroso de se “desfrutar” das coisas que Deus deixou na terra. Por outro lado, aquele que “desfruta” mais intensamente de passeios, comidas, festas, natureza, relacionamentos, e gasta tempo e dinheiro em deleitar-se naquilo que Deus lhe concede parece ser muito “carnal”, “imediatista” e quase que inconsequente, espiritualmente falando.

Apesar de a grande maioria conhecer, e eventualmente deter-se em ler o livro de Eclesiastes, histórias do Antigo Testamento, e mesmo a teologia bíblica do Novo Testamento, que deixa claro como em Cristo estamos livres para a plenitude de vida, ainda assim o legalismo pessoal, a cultura idólatra e cheia de costumes sem bases bíblicas, fala mais alto na vida da maioria dos crentes,

* Doutorando em Ministério no CPAJ (DMin); mestre em Ciências da Religião pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie; bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; licenciado em Letras pela Fundação FSA; professor de Hebraico Bíblico e Exegese do Antigo Testamento no Seminário Presbiteriano de Brasília; professor convidado de Hebraico Bíblico (EAD) no CPAJ.

fazendo com que se vejam privados de experimentar uma vida conforme o que Deus deixou para que vivessem.

É justamente para suprir essa provável lacuna na cosmovisão cristã que surge o livro *As Coisas da Terra*. É interessante que seu grande mérito não é o de trazer algo propriamente novo em termos de compreensão bíblico-teológica, mas, sim, o de fazer conexões entre conceitos conhecidos, e outros talvez nem tanto, com a realidade quotidiana em que todos estamos imersos, mas aparentemente cegados pela vida agitada, valores seculares e a falta de um tempo especialmente separado para desfrutar de tudo o que Deus deu ao ser humano, em especial para o deleite do seu povo.

E não somente isso: como se não fosse suficiente demonstrar como há coisas que precisam ser vistas e revistas com novos olhos, no fim de sua obra o autor trata justamente das eventuais perdas que sofremos em nossa vida, por várias razões, tais como doença, morte, repressão sócio-político-econômica, perseguições religiosas. Ele apresenta respostas de como é possível ser feliz, realizado em Deus, mesmo quando as circunstâncias não favorecem isso.

A fim de atingir o seu objetivo, o autor trata primeiramente da glória de Deus e do engrandecimento de Cristo na Criação, e de como, por vezes, elas têm sido esquecidas. É feito um contraste entre o que mais se ama: o doador de toda a Criação ou a Criação como fim em si mesma. E o raciocínio de que se amando mais o Criador, não se chegaria, por fim, a quase desprezar a própria Criação.

Para pôr um fim nesse contraste, como pensam e sentem alguns, o autor se baseia no texto de 1Timóteo 4.4-5, no qual se diz que o que Deus criou é bom, mas que é necessária a orientação da Palavra e a oração para que todas as coisas se tornem santificadas, pois passaram pelo crivo do próprio juízo divino. Isso abre portas e janelas para uma vida mais plena no desfrute de todas as coisas deixadas por Deus, pois o limite não é o coração enganoso do homem. Creio que este parágrafo deixa claro o objetivo do autor ao longo do livro:

Quero trabalhar com você nestas coisas e por meio delas para sua alegria no Deus vivo e pessoal que lhe deu todas elas e livrou-o do pecado e da morte por intermédio da obra de seu Filho e do Espírito Santo em quem você pode desfrutar dele e delas, e dele nelas, para sempre (p. 26).

Outro pressuposto é o de que quanto mais se conhecer de Deus, tanto melhor se desfrutará dele próprio, bem como de todas as coisas deixadas por ele para nós, e inclusive haverá sabedoria para se entender como vivenciar cada um desses elementos de modo que ele seja glorificado na vida daquele que o conhece de fato.

Se Deus é um Deus trino, e vive em plena harmonia e amor, então o ideal é que as criaturas que revelam seu caráter o façam também em toda a extensão

de sua existência, inclusive no relacionamento com as coisas deixadas por ele. Ora se o seu caráter está externado e presente em toda a Criação, toda ela não somente pode, como deve ser vivenciada em sua plenitude pelo homem. Assim o autor nos mostra:

Este é o caminho de Deus, o caminho da cruz. Deus pretende demolir nossas categoriazinhas lastimáveis, insistindo nos termos mais fortes que nos arrastam em direções opostas (p. 61).

Como a Criação comunica a glória de Deus, então, estabelece o princípio de que se foi comunicada é para ser vivenciada, desfrutada de todas as formas. É nesta parte que o autor prepara o leitor para conscientizá-lo de seu próprio estado. De fato, a glória de Deus está pronta para ser vivenciada em tudo quanto ele fez, mas o homem natural não está pronto para esta percepção e dinâmica; é preciso a ação do próprio Deus. Entretanto, a Criação ainda é um canal de comunicação da Trindade.

Por causa do pecado, o homem não consegue sequer reconhecer que há um Deus, quanto mais reconhecê-lo de modo indireto nas coisas feitas por ele. Assim, diz o autor:

A glória criada intermedeia a glória divina, de maneira que, quando rastreamos os prazeres por meio de seus raios até a fonte, chegamos à alegria das alegrias, ao rio dos deleites, à pessoa das pessoas, o Deus vivo e Pai de Jesus Cristo (p. 86).

Posteriormente o autor traça um contraste com o homem e sua condição de criatura, destacando a independência de Deus, mesmo diante de nossa condição:

Deus não se frustra com a nossa finitude. Ele não é tolhido por nosso corpo. Nossas limitações não representam barreiras para ele. “Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó (Sl 103.14). *Ele nos fez assim*, e acha que foi uma grande ideia (p. 92).

Tendo isso em vista, o autor demonstra como Cristo, em sua vida, vitória na cruz e ressurreição conquista os três ofícios: Profeta, Sacerdote e Rei, capacitando todos os que estão nele a desempenharem essas atividades que em Adão não podíamos mais realizar. Ele defende que o homem deve ser Profeta, no sentido de revelar a vontade de Deus ao mundo; Sacerdote, no sentido de intermediar, em Cristo, o homem perdido e o seu Salvador; e Rei, no sentido de gerenciar a Criação dada por Deus a ele.

Desta forma, desfrutar e vivenciar o que Deus deixou para o homem passa de uma visão errônea, como mera possibilidade, para uma visão aguda e bíblica, colocando-a no patamar de uma verdadeira missão dada por Deus ao ser humano. Em outras palavras, o indivíduo decaído não sabe sequer como

viver as bênçãos, mas, em Cristo, ao entender que isso é uma missão, ele deseja executá-la com genuína liberdade e alegria.

Segundo o autor, se essa visão das coisas da terra estiver firmada na Escritura, e for vivenciada de forma harmoniosa, toda a falsa culpa será, naturalmente, eliminada de nossa existência como criaturas, tendo em vista que se o homem sentir culpa pelo que não é pecado, isso sim se constitui pecado (p. 106).

Por isso, para Rigney, é preciso haver a integração completa e plena entre Deus-Criação-homem. Assim ele diz:

Quando amamos ao Deus supremo plenamente, somos capazes de integrar nossa alegria em Deus e em suas dádivas, recebendo as dádivas como raios de sua glória. O amor supremo a Deus orienta nossas afeições, ordena nossos desejos e integra nosso amor. (...) Porque a excelência divina está de fato presente nas dádivas, somos livres para desfrutar delas por causa dele (p. 115).

Entretanto, por causa do pecado, essa harmonia não é tão fácil de ser conseguida, e mesmo quando é, torna-se necessário um autoexame constante, pesando sempre quem está sendo o principal alvo do amor, alegria e deleite: o Criador ou a Criação.

Dentre tantos pontos positivos desse livro, creio que este seja um que é subjacente: o fato de que inevitavelmente haverá pontos de contato com a sua vida cotidiana e você será levado a ser confrontado consigo mesmo, desencadeando autoexame, e transformação. Não se pode ficar ileso ao ler este livro. Somos levados a enxergar a natural tendência para a idolatria, e os ídolos que já se instalaram em nosso coração.

Toda a leitura é direcionada para que, uma vez detectados esses ídolos, eles sejam destruídos, para que haja uma vida mais pura e pacífica no desfrutar do que Deus tem deixado ao homem.

Portanto, o que se segue é um chamado à piedade, e esta tomada em seu sentido mais amplo possível, não apenas de um estado, mas de seus resultados em atitudes para com a Criação. O autor defende que o objetivo do homem não é apenas desfrutar da alegria dada por Deus, mas que ele, o Criador, seja desfrutado de um modo piedoso, e que, finalmente, Deus seja glorificado em todas as instâncias. Com essa premissa o autor traz uma resposta à dualidade de vida, tão comum em nossa sociedade, principalmente, na Ocidental, na qual todas as coisas estão muito compartimentadas, estanques e pouco interconectadas.

O capítulo 6 se mostra especialmente muito prático e aplicativo para os crentes que desejam ter uma vida piedosa, mas encontram inconsistências, ou em sua teologia, ou em sua prática. Nesse capítulo também podem ser extraídos vários fundamentos para o pregador poder fazer com maior propriedade e criatividade a aplicação do texto bíblico, pois será despertado para várias

conexões da verdade bíblica com a realidade, que de modo geral passariam despercebidas.

Como resultados dessa genuína e fundamentada piedade, o leitor é conduzido à contemplação, prática quase esquecida em nossa sociedade. Aliás, atualmente parece haver um movimento de retorno a essa prática, tendo em vista o distanciamento que mesmo crentes tem vivenciado de simplesmente refletir sobre isso, quanto mais praticar. Como o autor tem bastante influência de John Piper, um pastor que tem a contemplação como um dos alvos de suas pregações, ele faz com que o leitor também seja levado a considerar esta questão de modo profundo.

O autor também lida com as questões culturais, que talvez sejam um dos fatores que mais causem dificuldades aos cristãos desejosos de desfrutar a vida ao mesmo tempo em que agradam o seu Criador.

Até aqui vem sendo tratado o que Deus deixou de modo mais direto ao homem. A partir do capítulo 7, o autor trata de como lidar com aquilo que o próprio homem produz, mesmo entendendo que todas as coisas venham direta ou indiretamente das mãos de Deus.

Depois de seguir o modelo de cultura apresentado por Van Til, ele faz com que não somente nossos olhos sejam abertos, mas também sejamos responsabilizados em fazer boas coisas com as coisas boas que Deus deixou para nós. Com isso fica estabelecido que, sendo a natureza boa, o homem se vê obrigado, diante de Deus, a dar seguimento a esse caráter produzindo também coisas boas, que apontem direta ou indiretamente para o Criador.

Agindo desta forma, segundo o autor, não só o homem honra o Criador, como também demonstra a imagem e semelhança do Criador em sua vida por meio do uso da natureza. Isso é comparado com uma capacidade criativa, ou, se não propriamente criativa, uma capacidade de transformar algo segundo o caráter do Criador.

Neste trato com a cultura, também é abordada a questão da linguagem, considerando que é assim que Deus se revelou de maneira especial, além da natureza, e é um dos principais meios de comunicação entre os homens, no que se refere a suas ideias e sentimentos.

A partir do capítulo 9, o autor passa a tratar da questão do pecado e do mal que permeiam toda a cultura, o que necessariamente obriga o homem a ser criterioso e cuidadoso, tanto em sua motivação para agir, como na efetivação de seus atos.

Ao se encaminhar para o fim da obra, o autor apresenta pontos que fazem uma certa contraposição ao que foi apresentado até aqui. Um dos pontos mais importantes nessa contraposição é a indagação: “Como se pode desfrutar de todas coisas dadas por Deus em sua plenitude, sejam quais forem, de um modo igualmente bom tal qual o caráter do próprio Criador, enquanto existem tantos precisando das coisas mais básicas para vida?” Por exemplo, “Como viajar

para conhecer as maravilhas da natureza, como as Cataratas de Iguazu, sendo que este dinheiro poderia ser empregado nas missões, ou mesmo para ajudar pessoas com cestas básicas?”

O autor resolve muito bem essa questão valendo-se do princípio do amor, ou seja, é preciso estabelecer prioridades, e tanto quanto possível fazer uma coisa e a outra. Quando Deus e o próximo são o alvo de nossa vida, e não nosso natural egoísmo, todas as escolhas se tornam mais fáceis. Isso deve ser aplicado em todas as áreas, tais como o dinheiro, o tempo, os sentimentos, as palavras, etc.

O cristianismo nos deixa “livres quer para desfrutar de nosso café da manhã, quer para mortificar nossos apetites desordenados” (e até mesmo nossos apetites normais, que podem vir a ficar desordenados) (p. 208).

O autor vai demonstrar que esse tipo de liberdade livra o homem de agir por medo, sentimento de culpa ou dívida para com Deus ou para com os homens. Em outras palavras, ela o torna livre para agir por convicção nos melhores motivadores, e não por constrangimento ou outro sentimento que não glorifique a Deus.

Nem sempre as coisas serão fáceis, nem sempre será tempo de bonança e nem sempre haverá fartura. É aqui que o autor trata da questão da perda. É difícil desfrutar de um jeito bom das boas coisas que Deus nos dá, é difícil fazer coisas boas com as boas coisas que Deus nos dá. E o que dizer, então, das épocas em que há privação, depressão, dor, doença, legítimo lamento e desconforto? Então não há espaço para o desfrutar? O autor defende que há, sim.

Para melhor expor este ponto de vista, ele afirma:

Um come, o outro se abstém. Um compra em lojas de departamento, o outro compra em lojas baratas. Um compra livros, o outro compra obras de arte. Que cada um esteja plenamente convencido conforme o próprio juízo. Não julgue, ou despreze o irmão. Para o seu próprio senhor está em pé, ou cai. Estaremos todos perante o juízo de Deus (p. 237).

Se, por um lado, não podemos viver sempre como se fosse o que o autor chama de “tempo de guerra”, ou seja, viver minimamente, com quase escassez, sem que as circunstâncias exijam, igualmente errado é insistir em viver em um tempo de privação como se estivéssemos em tempo de fartura. É uma fantasia infundada e pecaminosa da não aceitação da sabedoria divina e de sua misericórdia.

Para tanto, o autor faz uso do livro de Eclesiastes, com sua máxima “não há nada de novo debaixo do sol”, que traz a visão realista do mundo, associando o fato de se reconhecer Deus em todas as coisas e circunstâncias, e que ele é quem dirige todas as coisas.

É nessa premissa e certeza que o autor fundamenta sua visão de desfrutar das coisas da terra, mesmo quando não há, aparentemente, nada para ser desfrutado, talvez, apenas, algo a ser lamentado. Em dado momento, ele demonstra como o sofrimento põe à prova nosso desfrutar:

Uma coisa é perceber que a perspectiva de perder as boas dádivas não significa que não devemos desfrutar delas. Outra coisa é perceber como devemos encarar a perda de modo a honrar a Deus tanto em tê-las quanto em perdê-las (p. 254).

Com isso em mente, o autor demonstra que é justamente através das dificuldades que podemos elevar o nosso amor a Deus a patamares superiores de integração e comunhão integradas com ele.

Este tipo de convicção e atitude redundam em contentamento e gratidão ao Criador e mantenedor de todas as coisas. Desta forma, no último capítulo, o leitor é levado a se conscientizar de que é apenas criatura diante de seu Criador, e a viver de modo grato e feliz por esta realidade. Isso faz com que o homem pare de tentar ser Deus, e de competir com ele, para desfrutar dele, e de todas as coisas da terra.

Diante de todo este material teológico voltado para uma cosmovisão cristã, entendo que essa obra seja de grande relevância para os nossos dias, tendo em vista uma grande variedade de filosofias e abordagens quanto aos temas vida, natureza e cultura.

Quanto aos possíveis públicos-alvo, entendo que ela é relevante tanto para acadêmicos como para o público em geral, cada qual com uma aplicabilidade mais específica.

Para os crentes das igrejas, pode ser um instrumento de grande transformação de como encarar a Criação, a cultura, formar sua cosmovisão, e, finalmente, ampliar o seu relacionamento com o Criador e tudo que ele deixou. Por isso faço uma conexão direta com a doutrina da santificação, no que diz respeito a como viver de forma plena, abundante e santa diante de Deus e dos homens.

Para professores de seminário, principalmente nas áreas de ética, cosmovisão, apologética e afins, pode vir a ser uma das leituras de referência, como parte do curso.

